

BACCALAURÉAT GÉNÉRAL

ÉPREUVE D'ENSEIGNEMENT DE SPÉCIALITÉ

SESSION 2025

LANGUES, LITTÉRATURES ET CULTURES ÉTRANGÈRES ET RÉGIONALES

PORTUGAIS

Mercredi 18 juin 2025

Durée de l'épreuve : **3 heures 30**

L'usage du dictionnaire unilingue non encyclopédique est autorisé.

La calculatrice n'est pas autorisée.

Dès que ce sujet vous est remis, assurez-vous qu'il est complet.

Ce sujet comporte 10 pages numérotées de 1/10 à 10/10.

**Le candidat traite au choix le sujet 1 ou le sujet 2.
Il précisera sur la copie le numéro du sujet choisi.**

Répartition des points

Synthèse	16 points
Traduction ou transposition	4 points

SUJET 1

Thématique : « Représentations culturelles : entre imaginaires et réalités »

Axe d'étude 3 : Le réel : représentations et distorsions

1) Synthèse en portugais (16 points sur 20)

Après avoir pris connaissance des 3 documents qui composent ce dossier, vous rédigerez en portugais une synthèse (environ 500 mots) en prenant appui sur les consignes suivantes :

- Identifique o tema comum aos três documentos.
- Mostre como os três documentos evidenciam a violência da guerra pela independência e da guerra civil.
- Analise como os documentos 1 e 2 apresentam uma visão diferente das guerras.

2) Traduction en français (4 points sur 20)

Traduisez en français l'extrait suivant du document 2 :

“O Gégé sobretudo, que estava agora com vinte anos e em riscos de ir para a tropa, era o mais agressivo. Da última vez que Jaime tinha visitado a mãe ele foi muito claro. - *Se for incorporado, não me apresento. Fico aqui no bairro, quem vem me buscar? Na tropa não vou, na guerra ainda menos. Que vão primeiro os filhos dos ministros, dos generais, dos empresários... Esses que quando chegam na idade de dar o nome para a tropa vão logo estudar para o estrangeiro e escapam sempre. Já perdemos um irmão na guerra, chega.*”

DOCUMENT 1

Nambuangongo é uma povoação do norte de Angola, ocupada pelos rebeldes no início da guerra pela independência, em 1961. A reconquista de Nambuangongo pelos portugueses foi anunciada pelo governo de Salazar como o regresso à normalidade. Esta guerra durou mais 13 anos até à independência em 1975. Numerosos portugueses ali estiveram como soldados, incluindo Manuel Alegre. O poema "Nambuangongo, meu amor" simboliza a resistência portuguesa à ditadura e à guerra, assim como a libertação dos povos colonizados.

NAMBUANGONGO MEU AMOR

5 Em Nambuangongo tu não viste nada
 não viste nada nesse dia longo longo
 a cabeça cortada
 e a flor bombardeada
 não tu não viste nada em Nambuangongo.

10 Falavas de Hiroxima tu que nunca viste
 em cada homem um morto que não morre.
 Sim nós sabemos Hiroxima é triste
 mas ouve em Nambuangongo existe
 em cada homem um rio que não corre.

15 Em Nambuangongo o tempo cabe num minuto
 em Nambuangongo a gente lembra a gente esquece
 em Nambuangongo olhei a morte e fiquei nu. Tu
 não sabes mas eu digo-te: dói muito.
 Em Nambuangongo há gente que apodrece.

20 Em Nambuangongo a gente pensa que não volta
 cada carta é um adeus em cada carta se morre
 cada carta é um silêncio e uma revolta.
 Em Lisboa na mesma isto é a vida corre.
 E em Nambuangongo a gente pensa que não volta.

25 É justo que me fales de Hiroxima.
 Porém tu nada sabes deste tempo longo longo
 tempo exactamente em cima
 do nosso tempo ai tempo onde a palavra vida rima
 com a palavra morte em Nambuangongo.

ALEGRE Manuel, *A Praça da Canção*, 1965.

Neste trecho, é evocada a guerra civil que decorreu em Angola entre 1975 (Independência) e 2002 contando também alguns períodos de paz.

A REVOLTA DO GÉGÉ

A vida social se passava no quintal, onde também lavavam roupa. Como sempre, estava limpo, molhado e varrido várias vezes ao dia, de tal forma que já não tinha areia, a terra vermelha batida mais parecendo tijoleira. Foi naquele quintal, sentado à mesinha das refeições, que Bunda estudou as lições enquanto frequentou a escola. Olhou para aquilo tudo sem saudade, no fundo era o único dos irmãos que conseguiu sair do musseque¹ e viver em casa definitiva no centro da cidade, mesmo se num anexo para criado do colono. Graças à bondade do tio Jeremias.

Depois dos cumprimentos, estendeu umas notas à mãe, não é muito mas dá para algumas despesas e ela logo guardou o dinheiro na blusa e se queixou da vida, tão difícil, nesta terra nada cresce, nada avança, só os preços. Tu que sabes, diz uma coisa, filho, o governo não vê como estamos? Pergunta comprometedor para um bófia² que tinha de zelar pelo bom nome do governo, mas vai melhorar, mãe, vai melhorar, os responsáveis estão a trabalhar, ia dizer mais como? No fundo, no fundo, a mãe estava a repetir o choradinho dos jornais que o colega Honório examinava à lupa e com luvas. A mãe de um detective estagiário dos Serviços de Informações Gerais não devia dizer o mesmo que esses pasquins³ desqualificados, ficava mal. Mas Jaime não tinha coragem de chamar a atenção da mãe, nem a dos irmãos ou cunhados, os quais falavam o que queriam, sem se importarem com a sua delicada posição. Só uma vez ousara dizer, não falem muito alto, por favor, ainda posso ter problemas no serviço, mas eles riram, o que dizemos não é novidade para ninguém e agora há democracia, então é para falarmos mesmo.

O Gégé sobretudo, que estava agora com vinte anos e em riscos de ir para a tropa, era o mais agressivo. Da última vez que Jaime tinha visitado a mãe ele foi muito claro. - *Se for incorporado, não me apresento. Fico aqui no bairro, quem vem me buscar? Na tropa não vou, na guerra ainda menos. Que vão primeiro os filhos dos ministros, dos generais, dos empresários... Esses que quando chegam na idade de dar o nome para a tropa vão logo estudar para o estrangeiro e escapam sempre. Já perdemos um irmão na guerra, chega. Nós, os que não temos pais que nos arranjam bolsas de estudo para fora, é que morremos ou ficamos mutilados. E depois nos dizem para irmos pedir esmola nas ruas, porque nem pensões para mutilados pagam.*

Com efeito, todos os irmãos tinham feito a guerra, e o Anacleto morreu num combate, dez anos atrás. Só Jaime tinha escapado do exército, aproveitando um período de vários anos em que não houve incorporação militar, por causa dos acordos de paz e a consequente reestruturação das Forças Armadas, que não tinham mais lugar para novos recrutas. Quando de novo a guerra rebentou, já havia muitos jovens para serem chamados e não arregimentaram os da idade dele. Mesmo à justa...

O Gégé devia andar metido nalgum partido da oposição, embora nunca o tivesse afirmado. Nem Bunda ousava perguntar. Mas a conversa dele era mais militante que a dos outros irmãos.

PEPETELA, Jaime Bunda Agente Secreto, 2005.

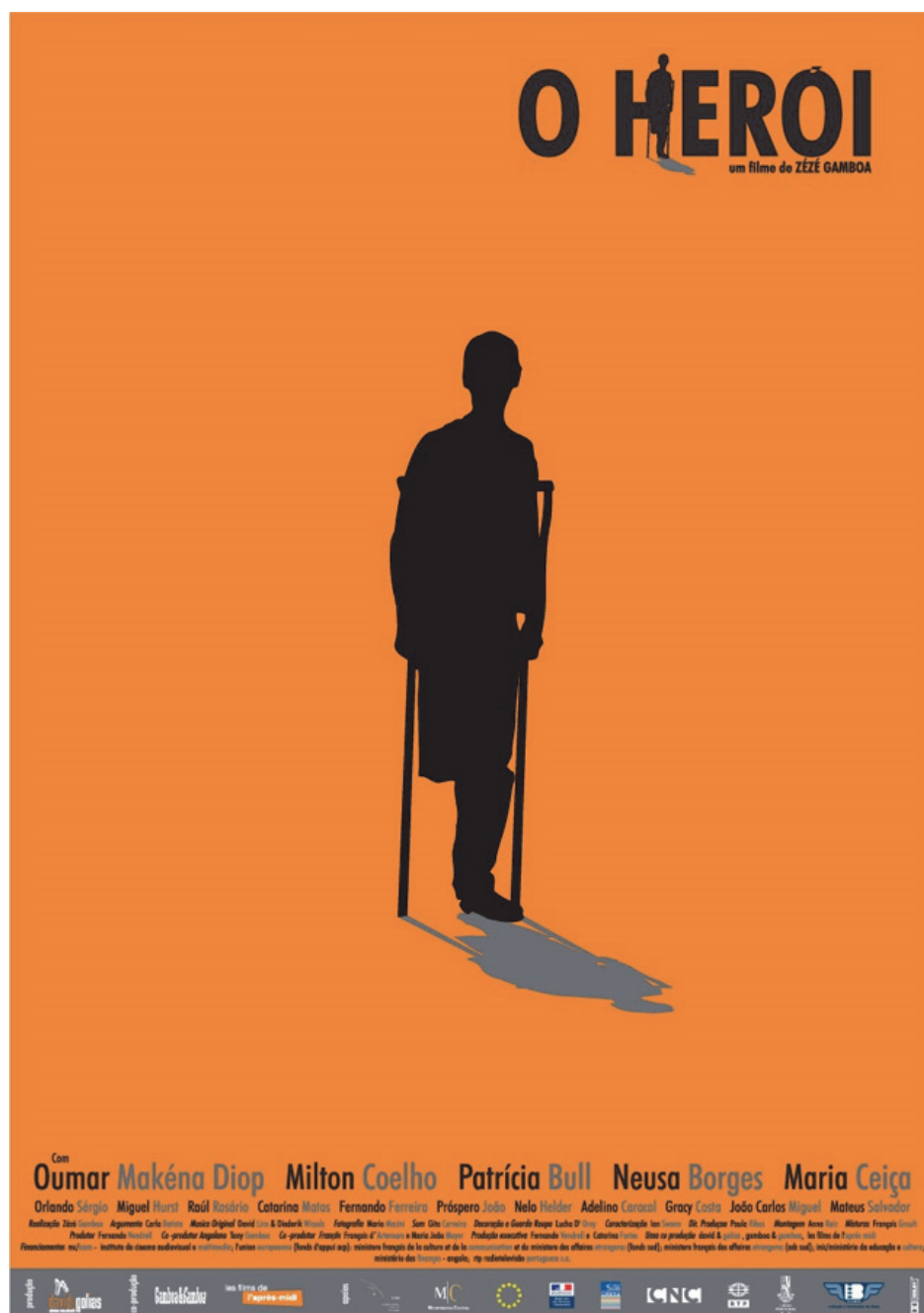
¹ o musseque: o bairro pobre

² o bófia: *le flic*

³ o pasquim: *l'article de journal sans valeur, le torchon*

DOCUMENT 3

O filme conta a história de Vitório (Makena Diop), um soldado de 35 anos, que regressa a Luanda mutilado pela explosão de uma mina. Em "O Herói", os personagens vivenciam as sequelas da guerra, a corrupção política, o papel social da mulher e as diferenças entre classes. Maria Bárbara procura os filhos que desapareceram na guerra, Manu busca pistas do seu pai, também desaparecido, e Joana acredita numa Angola mais justa. Estreia nos cinemas: 13 de maio de 2004. Realização: Zézé Gamboa.



Disponível sur « <https://cinemaportuguesmemoriale.pt> », (consulté le 15/11/2022).

SUJET 2

Thématique : « Domination, insoumission, critique et contestation »

Axe d'étude 3 : La création pour interroger, critiquer, contester

1) Synthèse en portugais (16 points sur 20)

Après avoir pris connaissance des 3 documents qui composent ce dossier, vous rédigerez en portugais une synthèse (environ 500 mots) en prenant appui sur les consignes suivantes :

- A partir de exemplos concretos tirados dos três documentos, mostre como é revelado o estado emocional do povo brasileiro.
- Analise como os dois escritores criticam a situação política e social em vigor nessa época.
- Mostre como os três documentos ilustram o eixo de estudo “A criação para questionar, criticar, contestar”.

2) Traduction en français (4 points sur 20)

Traduisez en français l'extrait suivant du document 1 :

“Fazia dois anos que eu estava casado, e por isso João Nogueira, padre Silvestre e Azevedo Gondim jantavam connosco. [...]

— Suponho que os seus negócios vão bem. [— disse João Nogueira].

— Não se trata de mim. São as finanças do Estado que vão mal. As finanças e o resto. Mas não se iludam. Há de haver uma revolução! [...]

— Tem medo, seu Ribeiro? perguntou Madalena sorrindo.

— Já vi muitas transformações, excelentíssima, e todas ruins.

— Nada disso, asseverou padre Silvestre. Essas doutrinas exóticas não se adaptam entre nós. O comunismo é a miséria, a desorganização da sociedade, a fome.”

DOCUMENT 1

SÃO BERNARDO

Fazia dois anos que eu estava casado, e por isso João Nogueira, padre Silvestre e Azevedo Gondim jantavam connosco. [...]

— Suponho que os seus negócios vão bem [— disse João Nogueira].

5 — Não se trata de mim. São as finanças do Estado que vão mal. As finanças e o resto. Mas não se iludam. Há de haver uma revolução!

— Era o que faltava. Escangalhava-se esta gangorra¹.

— Por quê? — perguntou Madalena.

— Você também é revolucionária? — exclamei com mau modo!

— Estou apenas perguntando porquê.

10 — Ora porquê! Porque o crédito se sumia, o câmbio baixava, a mercadoria estrangeira ficava pela hora da morte². Sem falar na atrapalhação política.

— Seria magnífico — interrompeu Madalena. — Depois se endireitava tudo.

— Com certeza — apoiou Luís Padilha.

— Vocês sabem o que estão dizendo?

15 — O que admira é padre Silvestre desejar a revolução, disse Nogueira. Que vantagem lhe traria ela?

— Nenhuma — respondeu o vigário. — A mim não traria vantagem. Mas a coletividade ganharia muito.

20 — Esperem por isso — atalhou Azevedo Gondim. — Os senhores estão preparando uma fogueira e vão assar-se nela.

— Literatura! — resmungou Padilha.

— Literatura não — gritou Azevedo Gondim. — Se rebentar a encrenca³, há de sair boa coisa, hem, Nogueira?

— O fascismo.

25 — Era o que vocês queriam. Teremos o comunismo.

D. Glória benzeu-se e seu Ribeiro opinou:

— Deus nos livre.

— Tem medo, seu Ribeiro? perguntou Madalena sorrindo.

— Já vi muitas transformações, excelentíssima, e todas ruins.

30 — Nada disso — asseverou padre Silvestre. — Essas doutrinas exóticas não se adaptam entre nós. O comunismo é a miséria, a desorganização da sociedade, a fome.

Seu Ribeiro passou os dedos pela careca lustrosa:

— No tempo de D. Pedro, corria pouco dinheiro, e quem possuía um conto de réis

¹ escangalhava-se esta gangorra: *ce serait le bazar*

² ficava pela hora da morte: era muito cara

³ a encrenca: a desordem

35 era rico. Mas havia fartura⁴, a abóbora apodrecia na roça. Mamona, caroço de algodão, não tinham valor. Com a proclamação da República ficaram custando os olhos da cara. Por isso eu digo que essas mudanças só servem para atrapalhar a vida. A estrada de ferro...

— Uma nação sem Deus! — bradava padre Silvestre a D. Glória. — Fuzilaram os
40 padres, não escapou um. E os soldados, bêbedos, espatifavam⁵ os santos e dançavam em cima dos altares.

D. Glória gemia com as mãos no peito:

— Que horror! É possível! Nos altares!

— Espatifaram nada! interveio Padilha. Isso é propaganda contra-revolucionária.

45 — E o senhor trabalha para isso, padre Silvestre — exclamou Gondim.

O vigário desculpou-se:

— Eu não. Estou quieto, no meu canto. Agora achar que o governo é mau, eu acho. Que há urgências de reforma, há. Quanto ao comunismo, lorota⁶, não pega. Descansem: entre nós não pega. O povo tem religião, o povo é católico.

RAMOS Graciliano, S. Bernardo, 1934.

⁴ a fartura: *l'abondance*

⁵ espatifar: *détruire, vandaliser*

⁶ lorota: *foutaise, baliverne*

GRITOPORU



Gritoporu, desenho do artista brasileiro **Adão ITURRUSGARAI** (nascido em 1965).
Disponível sur : « <https://iturrasgarai.com/adaoporu/> », (consulté le 15 janvier 2022).

DOCUMENT 3

AGOSTO 1964

Entre lojas de flores e de sapatos, bares,
mercados, butiques,
viajo
num ônibus Estrada de Ferro-Leblon.

5 Volto do trabalho, a noite em meio,
fatigado de mentiras.

O ônibus sacoleja¹. Adeus, Rimbaud,
relógio de lilases, concretismo,
neoconcretismo, ficções da juventude, adeus,
10 que a vida
eu compro à vista aos donos do mundo.
Ao peso dos impostos, o verso sufoca,
a poesia agora responde a inquérito policial-militar.

Digo adeus à ilusão.

15 Mas não ao mundo. Mas não à vida,
meu reduto e meu reino.

Do salário injusto,
da punição injusta,
da humilhação, da tortura,

20 do horror,
retiramos algo e com ele construímos um artefato
um poema
uma bandeira.

FERREIRA GULLAR, *Toda Poesia*, 1980.

¹ sacolejar : *secouer*